

CHRIS COLUMBUS  
NED VIZZINI

# CASA DOS SEGREDOS

*Tradução de*  
André Gordinho

  
E D I T O R A R E C O R D  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013



*Para Monica,  
cujo amor pelos livros e pela  
leitura inspirou esta aventura  
— C.C.*

*Para meu filho Felix,  
que, tenho certeza, um dia curtirá este livro  
— N.V.*





Brendan Walker sabia que a casa seria terrível.  
O PRIMEIRO INDÍCIO foi o tom superelegante que a corretora de imóveis, Diane Dobson, usou com a mãe.

— Ela é *realmente* uma casa *sensacional*, Sra. Walker — falou Diana no viva-voz. — O lugar perfeito para uma família sofisticada como a sua. E acabou de passar por uma grande redução de preço.

— Onde fica a casa? — perguntou Brendan. Tinha 12 anos. Estava sentado ao lado da irmã mais velha, Cordelia, e jogava *Uncharted* no querido PSP. Usava o uniforme preferido de *lacrosse*, uma camiseta azul e suja de grama, jeans rasgados e tênis surrados de cano alto.

— Perdão, quem falou? — perguntou Diane do painel do carro, onde o iPhone estava em um suporte.

— Brendan, nosso filho — respondeu o Dr. Walker. — Você está no viva voz.

— Eu estou falando com a família Walker inteira! Que prazer. Bem, *Brendan* — Diana soou como se esperasse receber um elogio por se lembrar do nome dele —, a casa fica na avenida Sea Cliff, 128, entre um majestoso grupo de residências que pertencem a pessoas importantes de São Francisco.

— Como os jogadores dos Giants e dos 49ers?

— Como presidentes de empresas e banqueiros — corrigiu Diane.

— Que saco.

— Bren! — repreendeu a Sra. Walker.

— Você mudará de opinião assim que vir o lugar — disse Diane. — É uma joia charmosa, rústica, toda em madeira...

— Opa, um momento! — interrompeu Cordelia. — Pode repetir?

— A quem eu me dirijo agora? — perguntou Diane.

*A quem? É sério?*, pensou Cordelia — mas a verdade é que ela também usava “a quem” nos momentos mais intelectuais.

— Esta é Cordelia, nossa filha — falou a Sra. Walker. — A mais velha.

— Que lindo nome!

*Não me venha com “que lindo nome”*, Cordelia quis dizer, mas, sendo a filha mais velha, era mais diplomática do que Brendan. Cordelia era uma garota alta e franzina, com feições delicadas que escondia atrás de uma franja de tom louro-escuro.

— Diane, minha família andou à procura de uma casa nova no mês passado, e nesse meio-tempo aprendi que os corretores de imóveis falam no que eu chamo de “linguagem em código”.

— Tenho certeza de que não sei o que você quer dizer.

— Com licença, mas o que significa “tenho certeza de que não sei”? — perguntou Eleanor em voz alta. A menina de 8 anos de idade tinha olhos aguçados e um nariz pequeno e gracioso, o cabelo era longo e cacheado, do mesmo tom do da irmã, e às vezes, nos dias em que Eleanor estava mais aventureira, tinha chiclete e folhas grudados nos fios. Ela costumava ficar calada, a não ser nos momentos em que não deveria ficar calada, que era do que Brendan e Cordelia mais gostavam na irmã. — Como você pode ter certeza, se não sabe?

Cordelia agradeceu à irmã com a cabeça e continuou.

— Eu quis dizer que, quando corretores falam “charmosa”, Diane, eles querem dizer “pequena.” Quando falam “rústica”, querem dizer “localizada em um habitat de ursos.” “Toda em madeira” quer dizer “infestada por cupins”... “Joia”, eu nem sei... imagino que seja “barraco”.

— Délia, deixe de ser maria vai com as outras — resmungou Brendan, grudado na tela, irritado por ele mesmo não ter pensado naquela linha de raciocínio.

Cordelia revirou os olhos e prosseguiu.

— Diane, você vai mostrar para minha família um barraco pequeno e infestado por cupins, localizado em um habitat de ursos?

Diane suspirou no viva-voz.

— Quantos anos ela tem?

— Quinze — responderam juntos o doutor e a senhora Walker.

— Parece ter 35.

— Por quê? — indagou Cordelia. — Por fazer perguntas pertinentes?

Do banco de trás, Brendan esticou o braço e encerrou a ligação.

— Brendan! — gritou a Sra. Walker.

— Eu só estou tentando poupar a família de passar vergonha.

— Mas a Sra. Dobson ia falar sobre a casa!

— Nós já sabemos como será a casa. Como todas as casas que podemos bancar: ruim.

— Tenho que concordar — disse Cordelia. — E a senhora sabe como dói concordar com Bren.

— Você adora concordar comigo — murmurou Brendan — porque é aí que sabe que está certa.

Cordelia gargalhou, o que fez Brendan sorrir a contragosto.

— Boa, Bren — disse Eleanor, que afagou rapidamente o cabelo despenteado do irmão.

— Crianças, vamos tentar pensar positivamente na casa — falou o Dr. Walker. — Sea Cliff é Sea Cliff. Estamos falando de uma vista livre para a Golden Gate. Eu quero ver a casa e saber a respeito do preço “reduzido.” Qual era o endereço?

— Número 128 — respondeu Brendan sem erguer os olhos. Ele tinha uma capacidade assombrosa de se lembrar das coisas, que adquiriu memorizando jogadas de esportes e *cheats* de games. Os pais brincavam que ele acabaria sendo um advogado por causa disso (e porque era tão bom na argumentação), mas Brendan não queria ser advogado. Ele queria se tornar um jogador dos Giants ou dos 49ers.

— Digite o endereço no telefone, pode ser? — Dr. Walker sacudiu o aparelho na frente de Brendan enquanto dirigia.

— Estou no meio de um jogo, pai.

— E daí?

— Daí que não posso simplesmente *pausar*.

— Não tem um *botão* de pausa? — perguntou Cordelia.

— Ninguém está falando com você, Délia — disse Brendan. — Não dá pra vocês só me deixarem na minha, por favor?

— Você praticamente já está na sua — respondeu Cordelia. — Está sempre com a cabeça enfiada em jogos idiotas, depois parou de sair para jantar com a gente por causa dos treinos de *lacrosse*, e se recusa a viajar... até parece que não quer fazer parte desta família.

— Você *é* um gênio — falou Brendan. — Adivinhou meu segredo.

Eleanor avançou, pegou o telefone e digitou o endereço — mas colocou ao contrário, primeiro o número e depois a rua. Cordelia começou a dar uma resposta grosseira para Brendan, mas se lembrou de que ele estava naquela fase “complicada” dos meninos, quando eles diziam coisas terrivelmente sarcásticas porque pareciam tão desajeitados.

A casa era o verdadeiro problema. Até mesmo Eleanor suspeitava disso neste momento. A casa seria velha demais a ponto de pessoas terem morrido dentro dela. Estaria caindo aos pedaços e teria persianas tortas, uma camada grossa de poeira, uma árvore malcuidada na frente e um bando de vizinhos enxeridos, que olhariam para os Walker e sussurrariam: “Esses são os otários que finalmente compraram essa joça.”

Mas o que podiam fazer? Com 8, 12 e 15 anos, Eleanor, Brendan e Cordelia tinham plena certeza de que cada um estava na pior idade possível, a mais injusta e impotente.

Portanto, Brendan jogou, Cordelia leu e Eleanor fuçou o GPS até eles pararem na avenida Sea Cliff, 128. Então, olharam pela janela e os queixos caíram. Eles jamais tinham visto algo assim.